

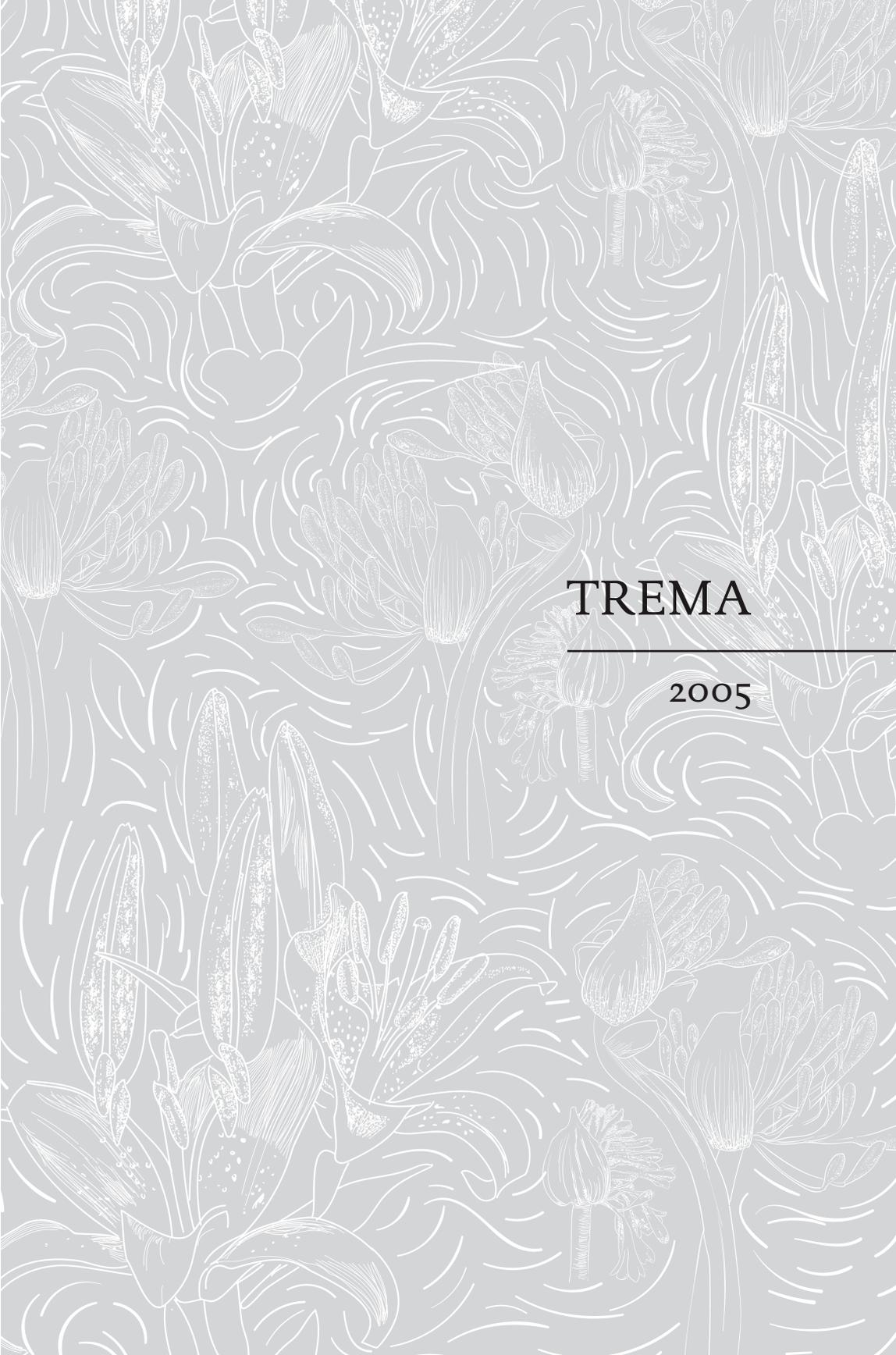


Ida Vitale

não
sonhar
flores

Tradução
Heloisa Jahn

roça nova 
EDITORA



TREMA

2005

On peut faire le sot partout ailleurs, mais non
en la Poésie.

MONTAIGNE, *Essais*, Livre II, chap. XVII.

Je peux me consumer de tout l'enfer du monde
Jamais je ne perdrai cet émerveillement
Du langage
Jamais je ne me réveillerais d'entre les mots.

ARAGON, *Le discours à la première personne*, 4.

Escribir sin la angustia de escribir.
Escribir la certeza
de un árbol infinito.

2001

... libro que guarda la piel perdida
de las horas, restos de lo improbable,
la voz que mordisqueó palabras,
las tragó y fue envenenada por ellas.

TAREFA

Abrir palavra por palavra o páramo,
abrir-nos e olhar para a significante abertura,
sofrer para lavrar o ponto onde está a brasa,
e em seguida apagá-la e mitigar a queixa do queimado.

ERRO CALCULADO

Palavras de mar profundo
a cada instante sobem para morrer
às centenas, contaminados peixes.
Um as outras não se ajudam,
temem o risco, morrem.
Não sabem o que sabem.
Quem as ama e acolhe
liberta-as do silêncio
que as deixa entre olvido
e magia encarcerada?
Se arrisca a mais perigo?

Um sopro vaga pela tarde.
Segue a leve leva:
que teu entusiasmo
não se renda ao retido canto.

AS FLECHAS

Assistir a essas frases disparadas
como ditas por seres
que numa praia falam sós,
certos de que ninguém os ouve
(e arderia a água
ao aceitá-las ou refutá-las)

Que se cruzam
como num vento de deserto,
sem demora cobertas pela areia
que as imobiliza.
E ficam na franja
das charadas a resolver
na última tarde,
quando já o sabias e assim ardem as velas.

DÍZIMO

Na hora da rajada ímpia,
seta o perfil,
faca o breve fulgor,
ponteiro dos minutos, lança.
A primeira palavra a distrair-se
flameja sob o raio
e se deixa quebrar, ávido vidro.
Tudo espreita.
Não está farta a memória
de jurar a não reincidência?

TROCA

Dez horas: parente pobre
do aguerrido meio-dia.
No meio das plantas brilha
um olho de vidro ou breve
pássaro veneziano.

Num átimo nasce o diminuto
ou invisível, mínimas flores,
brotos de folhas e ainda
o ácaro horrendo.
Isto aqui.
Talvez agora um corpo
culmine, mina de morte,
no errátil universo.

Sem órbita,
nossa imaginação
troca o áureo por letras,
letras por pó,
voar por lastro surdo,
explosão por silêncio sem canto.

ÚLTIMA NOITE DE UM ANO QUALQUER

Depois do dia limpo,
na esperada noite subiu,
nítido em seu único signo,
o foguetório de júbilo uniforme.
O pequeno clarão roçou de leve
a silenciosa tapeçaria da noite
antes de morrer,
como apartado, também ele
da distante festa.
Aspirava a estar só,
tão seguro de si?

Toda esperança é mórbida?

NO DORSO DO CÉU

Não é casual
o que acontece por acaso:
um fragmento de nada se protege
do não ser, se entretece
de signos, impulsos,
sins e nãoos, atrasos e progressos,
traços de geometria celeste,
coordenadas velozes no tempo
e algo ocorre.
Laços que nos parecem tênues
são óbvios para o que não vemos,
e nós de janela aberta

de onde voa o tecido branco
coberto de figuras.
Mas chamamos acaso
nossa imaginação insuficiente.

O DEUS VISÍVEL

Já havíamos nos despedido do sol
e de repente abre uma janela no céu:
entre dois retalhos de nuvens
aparece em cor frágil,
com uma luz diferente.
Algo se deu por trás dessas cortinas.
Quem sabe avisa que amanhã
não o esperemos?
Que o ozônio que aumenta
fará dele inimigo?

Não naufragues ainda.
Três toldos amarelos
desmentem avarias da fé.
Que também sobre ti
recaia essa bênção,
outra esperança.

MAR DE DÚVIDA

Fitar a fruta, o mar com olhos de deserto,
o desvario com olhos de surdez,
o passado como o vulcão suas estrias de lava
e do futuro sua suspensão de infância,

quando uma sabedoria assombrada
adiantava penas
e a única indiscutida certeza da vida
seria ousar a luz:

que alguma vez haveria
paz na rede,
não um mar de dúvida.

SE CEGAS

Se céu, se azul, se cegas,
sob um sol de sóis,
silêncio.
Distantes nuvens coloquiais fingem
o arabesco imprevisível
que a vida impõe em tua vida.
Não antecipes mais sonhos, olha
distante, esse pássaro alto, convexo,
que busca outro limite, sombra.

NENHUMA SAGA

Nenhuma saga outorgará palavras
à criança não nascida
porque sua mãe trespassada jaz,
nem ao aterrado mudo,
sem treino ante o tanque tenaz,
nem ao cego que tateia na noite da fumaça.

Ardem os bosques e delira o deserto
e o rio lácteo para sonhos noturnos.
Nem árvore de frágil música
compensará a tragédia do sempre subjugado,
secreta como centro de brasa.

Mas nunca haverá uma para o obtuso triunfo.
Uma vez mais,
a derrota há de chamar-se honra,
mesmo encoberta pelo rufar do triunfo.

FORTUNA

Anos a fio usufruir do erro
e de sua emenda,
ter podido falar, caminhar livre,
não existir mutilada,
não entrar, ou sim, em igrejas,
ler, ouvir a música querida,
ser na noite um ser como no dia.

Não ser casada por negócio,
medida em cabras,
padecer o governo de parentes
ou legal lapidação.

Não desfilar nunca mais
e não admitir palavras
que ponham no sangue
limalhas de ferro.

Descobrir por ti mesma
outro ser não previsto
na ponte do olhar.

Ser humano e mulher, nem mais nem menos.

RUA

Por fin había dado con una calle de un solo minuto...

JACOBO FIJMAN

Não deu palpite.
Seria um jardim,
queriam-na praça forte.
Nada espera de ninguém.

Com os ramos ao ar
levemente movidos
dá um adeus silencioso
a quem passa e parte.

Sul e norte não vão
ao encontro com o vago
destino da rua,
frota de paralelas.

Nominal criatura,
sabe guardar fantasmas,
vozes que se esfumaçam
sem que o olho as abra.

Aterrada, de costas,
a rua se desdobra
na outra que flutua
entre poças e céus.

Sim, primavera chega,
mas a gris bem sabe:
seu assento profundo
não pode dar-lhe flores.

Não pode, não, não pode?
E o passo com amor,
pesares sós que em ti
se plantam, nada podem?

ÚLTIMAS VONTADES

Terão levado o caixão de Sá-Carneiro
no lombo de um burro ajazado,
vistoso, como o suicida quis?

Já sabemos que o salgueiro,
o tal, famoso, não é achável.

E ninguém espera que se erga
o monumento que relembre as horas,
os dezessete meses em que Akhmátova
esperou pelo filho, por Lev,
ao pé de sua prisão em Leningrado.
Porém ficou seu Réquiem,
sudário para mortos sem justiça,
ela exigiu igual essa constância
de tantas mortes sobre uma alma só.

BOGOTÁ, 2001

Sob nuvens esfumadas, sem certeza,
de viés, a chuva cai.
Há flores amarelas e espelhos d'água cinzas
e pinheiros, pinheiros e rebanhos.
Os eucaliptos, os de flor vermelha,
se instalaram sobre a verde, irreduzível terra.
Tudo se sabe a salvo em sua própria cor
e espera que pelos ares suba
a rabiola da primavera.

A nada disso importa se a poesia dura.
Será que ela se nutre do silêncio do mundo?

OAXACA

O que é mais:
pombas brancas ou rosas verdes
que brotam da terra
no jardim discreto de Oaxaca?

—

Se só ficasse
no viver e escrever
como peça de alabastro cristalino...

—

A pintura modulava já
seu constante coral
na abóbada branca e dourada
e colorida em que
os Borja se eternizam.
O órgão esperava
apenas que os olhasses.

—

Sobem pelas paredes,
reinam em labirintos,
célibes sempre no cio,
híbridos, bifurcados,
caminham contra o céu,

ousam pernas para o ar.
O animal se pesponta,
se adstringe, cinturado,
diz que é tudo caos,
alucinantes cifras,
cervos, sexos.

Que ninguém seja ingênuo.
A claridade sucumbe
em vermelho, negro, ocre:
cessação e violência.
Por suas bordas, o elétrico
é vertigem e Toledo.*

MILAGRES NATURAIS

Na noite de Holland Park,
um fantasma branquíssimo
— arteirices das últimas artes —
dança sem ossos
contra um foco violento,
que acompanha sons
que não ouço.
E nada surpreende
se abres olhos de aceitação
para o que vier.

Então não é milagre

* Francisco Benjamín López Toledo (1940-2019), pintor,
escultor e artista gráfico mexicano.

que de dia, neste mesmo lugar,
venham os pintarroxos
comer nas mãos?
Que estas mesmas existam,
bem dispostas?

Ou a cauda com que se pavoneia
o pavão real narciso
diante de nós que, por estar a olhá-lo,
milagramos?

NOVAS CERTEZAS

Poesia
não bajula a história,
não conta contos,
não dialoga
com mais palavras
que paciência quem escuta.
Não é caricato nem cariátide.
Nunca aconteceu.
Morre, em ar indelicado,
crematisticamente organizada.

Projeto de algum filho
que corre atrás de um pai
cuja voz o amamente?
O trem de alguém com pressa?
Melhor porto deserto,
cais abandonado.